

Vim de lá pequenininho(a): a perspectiva da rurbanidade e a cultura popular em tempos de pandemia no Morro da Conceição em Recife-PE

I came from there in a tiny way: the perspective of rurbanity and popular culture in times of pandemic at Morro da Conceição in Recife-PE

Giselle Gomes da Silva PRAZERES¹
Severino Alves de LUCENA²

Resumo

O presente artigo discute a importância da rurbanidade na região metropolitana de Recife, capital de Pernambuco e como a relação rural- urbano é presente nos contextos populares fazendo um recorte na cultura popular, enfatizando a manifestação cultural da Quadrilha Junina Tradição em tempos pandêmicos. Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa exploratória, onde foram usadas técnicas combinadas de coleta de dados, observação direta, análise documental e roteiro de entrevista semiestruturado com moradores do Morro da Conceição. Intentou-se contribuir, assim, com pesquisas acerca de Rurbanidade refletindo sobre experiências reais de cotidiano e costumes rurais e urbanos refletindo sobre experiências reais de transformação social.

Palavras- chave: Rurbanidade. Rural. Urbano. Pandemia. Cultura popular.

Abstract

This article discusses the importance of rurbanity in the metropolitan region of Recife, capital of Pernambuco and how the rural-urban relationship is present in popular contexts, making a cut in popular culture, emphasizing the cultural manifestation of the Quadrilha Junina Tradição. In methodological terms, this is an exploratory research, where combined techniques of data collection, direct observation, document analysis and semi-structured interview script with residents of Morro da Conceição were used. It was intended to contribute, thus, with researches on Rurbanity reflecting on real experiences of daily life and rural and urban customs reflecting on real experiences of social transformation.

Keywords: Rurbanity. Rural. Urban. Pandemic. Popular culture.

¹ Mestra no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco UFRPE. E-mail: giselle.zeli@gmail.com

² Doutor em Comunicação e Cultura pela PUCRS, professor da UFPB.
E-mail: recifrevo@uol.com.br

Introdução

A dualidade faz parte da cultura Ocidental, estrutura pensamentos e maneiras de classificar o mundo. Como aponta Martins (1981), dualidades entre as categorias natureza e sociedade, tradicional e moderno, rural e urbano, por exemplo, vêm sendo amplamente reproduzidas nas ciências humanas e o uso de tais expressões geralmente é desacompanhado de uma visão crítica, sendo assim o termo rurbanidade, traz consigo a criticidade da temática da relação do urbano com o rural.

A comunidade de contexto popular pode ser entendida de várias maneiras, segundo Peruzzo (2009) no entanto, sempre denota uma comunidade que tem o “povo” (as iniciativas coletivas ou os movimentos e organizações populares) como protagonista principal independente do seu nível sócioeconômico e território. Uma das maneiras da comunidade se expressar é através da manifestação cultural, aqui apresentada com a Quadrilha Junina Tradição.

As noções de rural e urbano deitam profundas raízes no imaginário do Ocidente e segundo Mendonça (1997) o significante campo e seus diversos significados costumam ser associados a formas de vida e o termo cidade é associado a ideia de centros de empreendimentos e novas tecnologias. Como afirma Lima (2002), é complicado pensar na formação de comunidades urbanas sem associar a sua origem rural, no entanto, trazem consigo outras associações negativas, tais como: urbano como espaço do egoísmo, da competição, da violência. Embora, é válido reconhecer que é no contexto rural, que existem histórias de lutas em torno de uma cultura fortemente estabelecida por sua resistência, muitas vezes cenários de massacres de alguns, ou ainda, comprometimento de outros.

De uma forma geral, a reflexão sobre o momento da relação do urbano com o rural remete a fazer ligações ao conjunto mais amplo de transformações ocorridas pelo processo de industrialização em sociedades de bases agrárias, transformações estas acompanhadas por uma atenção maior a que se refere ao desenvolvimento. Neste sentido, Santos (2013) diz que a dinâmica sócio espacial vem se tornando algo tão complexo, que fica cada dia mais complicado separar o que é rural do que é urbano.

Considera-se que na formação das cidades consideradas urbanas, existe um cinturão populacional oriundo dos processos de expulsão do campo, fruto do modelo de

desenvolvimento hegemônico. Neste aspecto, fica evidente que nas grandes cidades do Brasil a pauperização é latente e a luta pela sobrevivência das pessoas em contextos populares é cada vez mais visível a sociedade. Parece pertinente pensar que a formação destas periferias tem relação com o êxodo rural e de algo que se identifica com as várias formas de lutas, cultura peculiar, conquistas sociais e formação de sujeitos coletivos. Seria algo pertinente a uma memória das lutas próprias dos que vem do campo? Se os que estão nas periferias têm origem nas lutas do campo, por que migraram, por que não resistiram no campo?

Em uma perspectiva relacional, Bourdieu (2000) vai tratar da reprodução social a partir da reprodução cultural, desvelando mecanismos de reprodução da estrutura das relações de força e das relações simbólicas, em seu livro “A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino”, que este escreveu em coautoria com Jean-Claude Passeron, indicando que sociedade humana, ajuda-nos a interpretar a realidade social, a configurar o nosso destino e a melhorar o bem-estar da sociedade a partir da reprodução cultural, neste sentido é importante mencionar o lócus da pesquisa.

O Morro da Conceição, é um espaço heterogêneo, territorializado por diversos segmentos culturais, religiosos, sociais e políticos. Dados da Prefeitura Municipal do Recife apontam que a comunidade tem uma população estimada em 10.182 habitantes, onde 57,73% são considerados pardos, 30,45% brancos e 10,48% pretos. Ainda de acordo com a Prefeitura, há 2.955 domicílios; a renda média das famílias é de R\$ 1.127,11.³

Abordando o Morro da Conceição enquanto um território, é importante destacar que o espaço onde esses moradores vivem, no sentido antropológico, conforme Flores (2006), é o ambiente de vida, de ação e de pensamento de uma comunidade, associado a processos de construção de identidade. Segundo Lima (2012), os movimentos sociais e as organizações não governamentais incentivam a promoção social a partir do associativismo, ou até mesmo através da formação de grupos informais solidários. E foi assim, a formação de vários grupos culturais no Morro da Conceição.

No entanto, as manifestações culturais do Morro da Conceição desde Março de 2020 foram todos cancelados devido a Pandemia de COVID-19.

³ **Morro da Conceição, Prefeitura do Recife.** Disponível em: <<http://www2.recife.pe.gov.br/servico/morro-da-conceicao>>. Acesso em: 6 nov. 2016.

A importância desta análise da pandemia é que tornou-se um ícone de grandes questões que afligem o planeta, como direitos humanos, segurança alimentar, desigualdade social, políticas de medicamentos, vacinas, economia, cultura popular, entre outros. Constituiu-se, por conseguinte, um fenômeno, cuja forma de ocorrência nas diferentes partes do mundo é devastadora.

No mês de Março de 2021, o ritmo crescente de infectados é uma realidade, o número total de óbitos é muito superior que três mil mortos por dia no Brasil, Logo, a população necessita se conscientizar que o isolamento social e o uso correto das máscaras de proteção são as únicas saídas para não propagação do contágio, diminuição e recuperação de infectados. Sendo assim, as festas populares não aconteceram em 2020. Os arraiais juninos, as escolas de samba e os maracatus, as grandes multidões da Festa religiosa do Morro da Conceição não foram realidades devido a Pandemia de COVID-19.

Com o objetivo de reduzir os impactos da pandemia, diminuindo o pico de incidência e o número de mortes, o Estado de Pernambuco decretou em 18 de Março de 2021 medidas mais restritivas tais quais isolamento de casos suspeitos, fechamento de escolas e universidades, fechamento das praias, bares e restaurantes, distanciamento social, bem como quarentena de toda a população. Os números crescem todos os dias, mas atualmente temos em Pernambuco 12.000 mortos por COVID- 19.

Estima-se que essas medidas tendam a “achatar a curva” de infecção, conforme o Ministério da Saúde (2020) ao favorecer um menor pico de incidência em um dado período, reduzindo as chances de que a capacidade de leitos hospitalares, respiradores e outros suprimentos seja insuficiente frente ao aumento repentino da demanda, o que se associaria à maior mortalidade. Por conseguinte, a orientação é para que as pessoas fiquem em casa, independente da faixa etária e, indicam a proteção da máscara como maneira mais eficaz contra o Novo coronavírus.

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo identificar na perspectiva de rurbanidade a procedência dos primeiros moradores do Morro da Conceição, que é uma comunidade de contexto popular da Região Metropolitana do Recife- Pernambuco.

Os objetivos específicos deste artigo foram: compreender, a chegada ao Morro da Conceição, os hábitos culturais, o cotidiano, a cultura popular e a atividade econômica além de identificar a perspectiva da rurbanidade na relação dos costumes

rurais em tempos de pandemia, onde o isolamento social é uma das maneiras mais eficazes de contenção do Novo Coronavírus.

Dessa forma, visualizou-se importância na pesquisa ao que invoca Carneiro (2013) sobre a noção de rural e urbano, esta concepção foi dada quando a autora atribuiu as categorias simbólicas construídas a partir de representações sociais, em algumas regiões, as quais não correspondem mais as realidades distintas cultural e socialmente ficando cada vez mais difícil delimitar fronteiras claras entre o rural e o urbano.

Metodologia

Em termos metodológicos, essa pesquisa se caracteriza como sendo no âmbito do paradigma qualitativo, cujo estudo é de caráter exploratório, com uso de observação direta. No uso da observação participante, o momento foi das entrevistas nas casas dos moradores do Morro da Conceição mantendo os protocolos estabelecidos pelo Ministério da Saúde, uso de máscaras e distanciamento social.

Para as entrevistas, usou-se roteiro simplificado, e foi contabilizado 06 pessoas entrevistadas: homens e mulheres, com idade a partir de 70 anos, moradores do Morro da Conceição. Os moradores foram identificados por números.

No trajeto metodológico, além das entrevistas, foi possível realizar observação direta e anotações em diário de campo, essa coleta de dados trouxe informações que apontaram para as seguintes respostas: uma forte presença rural na origem dos primeiros moradores do bairro, a saber: a rurbanidade, indicando que a ruralização do urbano no contexto do Morro da Conceição aconteceu a partir do processo que é a inserção no meio urbano de indivíduos de origem rurais e como essa relação se consolida nas relações sociais cotidianas.

Esta pesquisa se aproxima de uma perspectiva inerente à pesquisa participante. E sobre pesquisa participante, Thiollent (2004) indica que a pesquisa-ação e pesquisa participante são vistas como formas de engajamento sociopolítico, a serviço da causa das classes populares.

Realizou-se a observação direta nos dias 14 a 17 de fevereiro de 2021. O interesse de pesquisa direcionava-se às atividades ligadas à rurbanidade e a relação urbano-rural no contexto popular.

As questões estavam pautadas sobre as procedências das pessoas que moram no Morro, origem, chegada ao território, aspectos geográficos, cotidiano e costumes. No trajeto metodológico, além das entrevistas, foi possível realizar observação direta e anotações em diário de campo, essa coleta de dados trouxe informações que apontaram para as seguintes respostas: uma forte presença rural na origem dos primeiros moradores do bairro, a saber: a rurbanidade, indicando que a ruralização do urbano no contexto do Morro da Conceição aconteceu a partir do processo que é a inserção no meio urbano de indivíduos de origem rurais e como essa relação se consolida nas relações sociais cotidianas.

Como já foi sinalizado, os aportes teóricos principais deste trabalho concentram-se nas áreas de rurbanidade, relação urbano- rural, cultura popular e desenvolvimento local.

A relação do rural e do urbano

É preciso reforçar que rural e urbano são categorias da relação social e não do espaço geográfico. Remy (1989) indica que não é necessário que haja o fim do rural devido à modernização, pois ambos podem conviver nos mesmos locais, nas práticas dos mesmos sujeitos sociais, ou seja, trata-se de “rural e urbano no local” e, não, “um local como rural ou urbano”.

Ideias semelhantes encontram-se sugeridas na obra de Milton Santos e tantos outros geógrafos por ele influenciados a partir dos anos 1990 no Brasil. Em alguns estudos do autor como *A Urbanização brasileira* (Santos, 1994), ou *Metamorfozes do Espaço Habitado* (Santos, 1988) há uma opção por considerar cidade e campo como formas no espaço, enquanto rural e urbano especificam o conteúdo social destas formas. Deste modo, expressões como “espaço agrícola”, “espaço urbano”, “espaço rural” deixariam de ser utilizadas, na medida em que o uso do território pode ser agrícola e o mesmo pode conter traços de sociabilidade adjetivados de rurais, de acordo com a visão de cada autor, porém sem torná-lo especificamente rural. Neste sentido, Santos (2013) diz que a dinâmica sócio espacial vem se tornando algo tão complexo, que fica cada dia mais complicado separar o que é rural do que é urbano.

Rurbanidade e sua relação com a cultura popular

Uma maneira da ruralização se manifestar na cidade de forma plena é na cultura, como diz Barbero (2003), é a partir da cultura que se encontra as atividades de refúgio, com planos, estéticas e também regulação e convivências urbanas, neste aspecto os processos formativos tem um papel fundamental para a construção do conhecimento dos moradores em relação a cultura, na constituição do urbano-rural e nas práticas pedagógicas.

Ao pensar sobre a influência das origens rurais, observou-se os estudos sobre Graus de Campesinidade, no qual Ramos Caporal (2013) afirma que o ambiente rural é dinâmico e que as transformações, ou ainda, mudanças acontecem a depender de cada contexto e da cultura local, onde permanecem traços de ruralidades. Sendo assim é importante afirmar que apesar dessa condição geográfica, o grupo entrevistado se encontra com níveis de campesinidade, ou seja, mesmo tendo saído do campo não perdem características eminentemente campesinas, por exemplo, conforme indica:

Ainda mantém, a importância do grupo familiar ou comunitário na organização da vida econômica e no trabalho na unidade de produção; sua relação com a natureza é pautada por uma consciência de guardião do ambiente e prevalece os hábitos rurais, com a presença das ervas medicinais. (RAMOS CAPORAL, 2013, p. 59).

Neste sentido, no Morro Conceição, não foi diferente nesta pesquisa participante, quando foi realizada a entrevista com a moradora 01, que traz na sua fala emoção e lágrimas nos olhos quando aborda a sua chegada no Morro da Conceição:

A moradora 01, que chegou ao bairro em 1952, traz o relato da paisagem do Morro da Conceição na sua chegada:

No início de sua ocupação aqui no topo do Morro da Conceição, havia apenas o monumento, a capela (torre) e a casa da pessoa que zelava (tomava conta). Aos poucos, o Morro da Conceição, foi sendo ocupado, povoado, por pessoas pobres vindas do interior, [...] o morro da Conceição não era esta cidade. As casas eram mocambos, não havia iluminação nem calçamento. (Moradora 02, 82 anos, escritora)

Sendo assim, desde as primeiras entrevistas foi possível verificar o jeito comunitário de estar junto, se ajudando, se comprometendo um com o outro por uma

busca constante de articulação para as melhorias no Morro da Conceição. No contexto da pandemia, vale salientar a solidariedade entre os vizinhos e a partilha de alimentos com aqueles que perderam suas rendas, principalmente as costureiras, os motoristas de transporte escolar e os artistas que trabalham com cultura no Morro da Conceição.

Processo histórico

Voltando aos primeiros anos da ocupação daquela região norte da Região Metropolitana do Recife, a estrada do Arraial e os arredores, era uma região de frequente contato com vantagens e requintes, além de civilizadamente europeus, urbanizantes; contrastando assim, com aqueles primeiros moradores do Morro da Conceição.

Daí, segundo Freyre (1982), as famílias burguesas influenciavam o estilo urbanizante, quanto ao modo de se vestir, de alimentação, recreação e devoção, junto as pessoas de origem rural, que era na época, considerados os primeiros moradores do Morro da Conceição. Ou seja, a rurbanização era socioculturalmente predominante. O que aconteceu no Morro da Conceição, também aconteceu em outras cidades do Brasil, tais como Vassouras e Taubaté, conforme relato abaixo:

Vassouras terá sido um equivalente fluminense, Taubaté, um equivalente paulista, Santarém, um equivalente paraense. Caxias, um equivalente maranhense. Os equivalentes são de extrema importância, na consideração como que sociologicamente panorâmica de fenômenos psicossocioculturais que, considerando uma perspectiva panorâmicas da realidade. (FREYRE, 1982, p.65).

Os primeiros moradores do Morro da Conceição entrevistados, vieram das mais diversas cidades do interior de Pernambuco, tais como: Limoeiro, Itambé, Carpina, Tejucupapo, Passira e Ferreiros. Estes apresentam um sentimento de pertencimento ao Morro da Conceição, o qual gera um empoderamento e resistência para superar os desafios sociais por eles enfrentados.

Avaliando a relação rural-urbano enquanto a paisagem e a urbanização, a moradora 03 faz uma comparação com a sua vivência quando chegou no Morro da Conceição e os dias atuais:

E aqui em cima era muito diferente do que é hoje. Tinha um sino imenso que até hoje tem a rua do Sino, entendeu? Que é pro lado da

casa de Nena. Você subindo é para o lado esquerdo. E tinha uns banquinhos de praça, muitas árvores. Aquelas árvores, aqueles coqueiros. Eram muitos oiteiros também. E nesses coqueiros tinha aqueles auto-falantes, que hoje não existe mais. Aí, juntavam um do lado e outro do outro e colocava no coqueiro e ficava a tarde todinha tocando assim música de igreja, entendeu? Era bonito que só. E assim, agente foi crescendo, vinha a festa do Morro e vieram as modificações. (Moradora 03, 70 anos, costureira).

Focado nos primeiros moradores do Morro da Conceição, valorizou-se o que destaca Bosi (2004):

Os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola, tomam a palavra. A história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios. (BOSI, 2004 ,p.15)

É importante salientar que os primeiros moradores não esquecem a sua origem rural e a sua relação com a urbanização da cidade se dá através, dos saberes rurais, das histórias orais passadas de pais para filhos, tais como depoimento abaixo:

Nasci em 04 de outubro de 1935, no Engenho Oriente, distrito de Itambé –PE, cheguei no Morro da Conceição com toda a minha família em julho de 1952. (Moradora 02, 82 anos, escritora).

No seu livro clássico, “Rurbanização: que é?”, Freyre (1982) aborda que:

O homem rural estaria sendo polarizado por duas forças desagregadoras poderosas: uma que o expulsa da região rural na eterna e vergonhosa fuga para outras regiões e a outra é que a agroindústria tira o morador rural da sua própria fronteira, levando o trabalhador rural a ser deslocado para outro centro urbano, já desruralizado.um centro rurano. (FREYRE, 1982, p.112).

Dentro das entrevistas realizadas, 02 (dois) moradores vieram para o Morro da Conceição devido a fuga para melhor qualidade de vida e 04 (quatro) das moradoras entrevistadas vieram com seus pais porque foram deslocados devido a agroindústria, como a entrevistada relata:

Deixar a minha terra, minha casinha com meus pais e vender o sítio para um homem que tinha muito dinheiro por lá e vir para o Recife não foi fácil, mas eu me apaixonei por esse Morro. Minha tia Zefa era

muito conhecedora das plantas medicinais e curava o povo do Morro. (Moradora 02, 82 anos, escritora).

Observa-se que o cotidiano rural no espaço urbano e também as “convivências urbanas” observadas no cotidiano dos moradores:

Os meus pais vieram de Carpina – no Engenho de Limeira Grande. O casamento do São João era numa carroça puxada por cavalos, que ia buscar o noivo, aí passava né...aí tinha o casamento matuto e eu gostava de dançar quadrilha. Fui crescendo, fui estudando. Porque meu pai era assim, mulher tinha só que estudar para saber o nome e depois casar. (Moradora 03, 70 anos, costureira).

A narrativa revela um comportamento machista e patriarcal presente tanto no rural quanto no urbano. Também neste depoimento é importante ressaltar no relato, a presença de instrumentos rurais como a carroça para o casamento junino, também utilizada na atualidade, para pequenos fretes de material de construção, as pequenas hortas nos quintais com ervas medicinais, a criação de animais de pequeno porte é uma realidade no Morro da Conceição.

Meu pai plantava cana, macaxeira, plantava amendoim, plantava pé de chuchu. Tínhamos um quintal. Minha mãe tinha um giral (hortelã, coentro, cravo) ela tinha cravo e vinha gente lá de baixo comprar. E uma casa de farinha. (Moradora 03, 70 anos, costureira).

Quando perguntados o que mais gostam de fazer no Morro da Conceição a resposta também evidencia os costumes mais comuns rurais, tais como: tomar caldo de cana, conversar com vizinhos na calçada, ir à praça no final da tarde, participam ativamente das festas dos ciclos festivos, ir à Missa que acontece todos os dias no Santuário de Nossa Senhora da Conceição.

Em relação ao olhar dos moradores que tem origem rural e vêm para o contexto urbano, segundo Berger (2001):

...se aventuram nas cidades, onde se forma uma massa composta por milhões de pessoas, uma massa, como eles nunca teriam visto antes, de vagabundos estáticos. E as pessoas que vêm do meio rural, esperam nos subúrbios, foram arrancados os seus passados, são pessoas excluídas dos benefícios do progresso e são abandonadas pela tradição de sempre ter que servir a classe dominante. (BERGER, 2001, p.357).

Na análise, conforme as afirmações de Berger (2001), é apropriada para o que indica uma das pessoas entrevistadas, que veio de Tejucupapo, dada como uma

mercadoria para trabalhar numa casa de família. Trabalhando neste lugar, até se aposentar como doméstica, apontando assim, a atividade econômica vivenciada pelas pessoas oriundas do rural que foram entrevistadas, tais como: empregadas domésticas (mulheres) ou trabalhadores da construção civil (homens).

Eu morava num sítio, aí a dona do sítio, a nora dela disse: deixe Maria ir lá pra casa para tomar conta das meninas, aí a minha mãe deixou. Aí fomos morar em Condado, de Condado foi para Garanhuns, aí depois ela veio morar aqui em Recife porque eu fiquei doente porque lá é muito frio, fomos morar em Quipapá também. Aí, viemos morar aqui na Rua do Sossego, que ela tem um apartamento ali. (Moradora 03, 70 anos, aposentada, 70 anos).

As atividades realizadas pelos moradores migrantes do rural em muitos casos reproduzem as características da economia campesina, conforme Kenbel (2016), por isso é fundamental perceber, que, segundo Avila Sanchez (2005), a reprodução de uma unidade econômica sustentada pelo trabalho familiar provém para subsistência ou mediante estratégias para a sobrevivência em grupo.

Consoante Carneiro (2013), fica cada vez mais difícil pensar na noção de ruralidade para definir a natureza das relações sociais num espaço determinado, ou seja, não se deixa de ser rural por estar num espaço urbano.

Meus pais eram camponeses e não deixaram de ser porque viemos morar no Morro. Então aqui em casa se plantava algodão, milho, feijão, batata-doce, macaxeira, inhame, mandioca para fazer farinha e tirar a goma. A gente vendia leite da vaca e ainda fazíamos manteiga, coalhada e manteiga de garrafa. Tudo isso aqui na nossa casa. (Moradora 02, escritora, 82 anos).

Outro aspecto importante ligado ao costume do cotidiano do Morro da Conceição é a religiosidade, presente em todas as entrevistas realizadas, no item da atividade exercida, a participação no contexto religioso é evidenciado:

Durante o novenário e no dia dedicado à celebração da Virgem Maria, 08 de dezembro, essa grande praça (referindo-se à praça do Morro da Conceição) se enche e transborda de fé, de emoção, de esperança, de agradecimento, de súplicas a Nossa Senhora. Esse ano passado foi bem diferente por causa da pandemia. As pessoas não vieram, as transmissões das Missas foram online. (Moradora 02, escritora, 82 anos).

O exposto acima revela, portanto, que o sentimento de religiosidade e de gratidão se concretiza com as ações de solidariedade e fé dentro da comunidade do Morro da Conceição mesmo em tempos de pandemia. As celebrações religiosas aconteceram de maneira virtual, o acesso ao Morro da Conceição foi controlado pelo governo municipal.

Sou católica, devota da santa. E lá no interior, eu era devota também de São Sebastião, de ano em ano. A gente ia para a festa, ainda temos família lá. (Moradora 03, aposentada, 70 anos).

O que faz sentido, visto que, segundo Schmidt (2006), as celebrações dos festejos juninos estão ligadas ao culto da fertilidade e das colheitas, a tradição da Festa do Morro da Conceição desde 1904 bem expressa a forte religiosidade popular encontrada no cotidiano que é justificado pelos costumes que extrapolam o espaço determinado. Identificou-se a origem rural entre todos os entrevistados moradores do Morro da Conceição verificando a relação rural-urbana sobretudo, associando o ciclo junino as festas rurais, o cotidiano rural no espaço urbano enfatizando, um modo diferente de ver e ler o mundo que vive, mesmo estando eles, numa comunidade que apresenta uma relação urbano-rural.

Considerações finais

Deve-se considerar que o cotidiano rural no espaço urbano é evidente, a concretização do “modo de vida” das pessoas entrevistadas revela a presença das pequenas hortas em seus quintais, a presença das ervas medicinais para os chás, os objetos como jarras de barro e fogões de lenha nas casas. Além disso, a constatação apontada pela perspectiva da rurbanidade é o fato de que alguns moradores do Morro da Conceição entrevistados, associam o ciclo junino, as festas rurais com a relação estreita com a Quadrilha Junina Tradição, a partir das relações familiares estabelecidas e dos costumes rurais observados.

Os grandes avanços teóricos em torno do tema demonstram, portanto, que “rural” ou “urbano” como categoria isolada nada explica. É uma construção que descreve e pode servir de base a explicações nela apoiadas, que estarão condicionadas por um discurso, encaixadas em uma visão de algum agente social específico, como os

moradores de um local rurbano, por exemplo. De qualquer modo, é importante realçar que a categoria rural não mais tenderá a ser utilizada como algo que qualifica um espaço, mas sim como qualidade de relações sociais. Por isso, a categoria da ruralidade expressa um rural maleável, um rural verdadeiramente moldado socialmente, que tente a estar o mais distante possível das naturalizações que tanto marcaram o pensamento social antes de um movimento crítico na busca de bases não apenas metodológicas, mas também epistemológicas, informadas pela cultura popular construindo assim uma ciência pós-moderna.

Um ambiente instável, de riscos e expectativas, exige cruzar as fronteiras entre rural e urbano, entre domínios que carregam, cada qual, suas fortes hegemonias. Para tanto, torna-se valorosa a existência de espaços de interação. Portanto, há muito o que se estudar sobre a Rurbanidade. Poderão ser realizados outros estudos, como: da relação de gênero, da economia criativa e cultural, a comunicação comunitária, juventudes, estudos acerca da rurbanidade e da relação rural-urbano.

Referências

AVILA SANCHEZ, Hector. **Lo urbano-rural, nuevas expresiones territoriales?** Colección Multidisciplina. Centro Regional de Investigaciones Multidisciplinarias. México. Universidad Nacional Autónoma de Mexico, 2005.

BARBERO, Martín Jesus. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. 2.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

BERGER, Julio. **Pueca tierra.** Madrid: Suma de letras, 2001.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social, 2.ed. São Paulo: Ateliê editorial, 2004.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 15.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BOURDIEU, Pierre, PASSERON, Jean Claude. **Reproduction in education, society and culture.** London: Sage Publications, 2000.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. **Anais do XXXV Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia e Economia Rural**, Natal, agosto, 2013.

FLORES, Murilo. A identidade cultural do território como base de estratégias de desenvolvimento – uma visão do estado da arte. **InterCambios**. N.64, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Rurbanização: que é?** Recife: Editora Massangana, 1982.

KENBEL, Claudia. **Río Cuarto, ciudad rurbana. Experiencias y relatos com los carreros.** Tese de doutorado.2016. (n.f). Departamento de Comunicação.Faculdade de Ciências Humanas.Universidade Nacional de Rosario. Rosario, 2016.

LIMA, Irenilda Souza. **Mídia Educativa: o uso do vídeo no ensino técnico agrícola em Pernambuco.** 2002. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação – ECA – USP). Universidade de São Paulo. São Paulo. 2002.

LIMA, Irenilda Souza. **Extensão rural e o desenvolvimento local: uma proposta metodológica para a relação da teoria com a prática.**Recife: EDUFRPE,2012.

MARTINS, José de Souza. As coisas no Lugar. In: MARTINS, José de Souza (Org.). **Introdução Crítica à Sociologia Rural.** São Paulo: Hucitec, 1981.

PERUZZO, Cicilia. Conceitos de Comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor. **revista Eco-pós**, v.12, n.2, maio-agosto, p.46-61, 2009.

RAMOS CAPORAL, Ladjane de Fátima. **Considerações sobre o campesinato no Século XXI:** Graus de campesinidade e agroindustrialização na comunidade de Sítio Palmeiras, Chã Grande, PE. 2013. (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife-PE, 2013.

REMY, Jean. Pour une sociologue du rural ou le statut de l'espace dans la formation des acteurs sociaux. **Recherches Sociologiques**, v.XX, n.3, 1989. p 265- 276.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo,2013.

SCHMIDT, Cristina. **Folkcomunicação na arena global:** avanços teóricos e metodológicos. São Paulo: Ductor, 2006.

THIOLLENT, Michael. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 2009.